

ITEM LEXICAL “ACHAR”: UMA ABORDAGEM DISCURSIVO-FUNCIONAL

Gelson Martins de Souza (UEM)
martins_gs@yahoo.com.br

1. *Introdução*

Este artigo pretende realizar uma abordagem na qual esteja em evidência a dinamicidade do verbo *achar*, levando em consideração as definições da NGB – Nomenclatura Gramatical Brasileira – e das gramáticas tradicionais, bem como os pressupostos funcionalistas, os quais preveem os elementos a partir da língua em funcionamento.

O funcionalismo linguístico contemporâneo não só concebe a linguagem como instrumento de interação social, mas também realiza uma investigação linguística que transpõe a estrutura gramatical, analisando o contexto discursivo no qual está inserida a motivação para os fatos de uma língua.

À luz dessa teoria, compreendemos que há uma relação bastante estreita entre sintaxe, semântica e pragmática. A situação enunciativa é elaborada a partir de uma necessidade semântica, objetivando veicular uma ideia; esta se encontra inserida em uma construção sintática, que, na maioria das vezes, pressupõe um sujeito que utiliza a linguagem com propósito comunicativo.

Em busca de uma contribuição aos estudos funcionalistas, analisar-se-ão o elemento lexical – *achar* – em três sincronias¹ do português: a *Auto da barca do inferno*, de Gil Vicente (século XVI), o *Sermão da Sexagésima*, de Padre Antonio Vieira (século XVII), e fragmentos da *Opus Dei* (século XXI). A escolha desses três textos se deve, primeiramente, ao fato de eles abordarem, de alguma forma, o discurso religioso; outro motivo reside no fato de a peça de Gil Vi-

¹ Martinet esclarece que o objetivo da sincronia é observar e descrever o funcionamento do sistema linguístico “num lapso de tempo suficiente curto para, na prática, se poder considerar um ponto no eixo do tempo”. (MARTINET, *apud* CARVALHO, 1979, p. 58)

cente retratar, de maneira aproximada, a fala das personagens, de acordo com sua condição socioeconômica.

Primeiramente, com base em gramáticas históricas e em dicionários etimológicos, realizaremos um resgate etimológico do verbo. Para complementar a trajetória desse item, caso seja necessário, acrescentaremos os conceitos apresentados por Neves (2000).

Com base nessas definições, analisaremos as ocorrências do verbo *achar* nos *corpora* escolhidos. Em seguida, procederemos à análise comparativa a fim de verificar se já desempenhava, nos séculos XVI e XVII, as mesmas funções e sentidos que hoje lhe é atribuído, tomando por base a obra *Opus Dei*.

2. A classificação dos vocábulos

Antes de apresentarmos a etimologia dos verbos, convém tecer alguns comentários, ainda que breves, acerca da expressão “classes de palavras”, denominação que, desde os gramáticos gregos, vem se apresentando de maneira diferenciada. Há teóricos que preferem “partes da oração” ou “partes do discurso” – esta de origem latina e aquela, francesa. Embora não haja consenso, optou-se, neste trabalho, pela expressão “classes de palavras”, visto que adotaremos as concepções históricas defendidas por Biderman (1978).

Segundo a autora, os verbos eram distintos entre as classes de palavras, desde a primeira descrição realizada por Dionísio de Trácia (séc. I. a. C). Nesse período, podemos identificar a seguinte divisão: nomes, artigos, pronomes, participios, verbos, advérbios, conjunções e preposições.

A partir dessa classificação empregada tanto por Dionísio de Trácia quanto por outros gramáticos gregos, os gramáticos latinos fundamentaram a elaboração de sua própria gramática, acrescentando a classe das interjeições, que não havia sido mencionada pelos gregos. Mais tarde, na Idade Média, os gramáticos latinos adicionaram, ainda, a classe dos adjetivos e dos numerais.

Todas essas classificações, sejam elas gregas ou latinas, contribuíram para a elaboração das gramáticas e dos manuais de linguística elaborados posteriormente. As línguas europeias ocidentais, por

exemplo, adaptaram as classes identificadas no grego e no latim durante a Renascença. Tais adaptações geraram uma classificação paradigmática que pretendia enquadrar todos os vocábulos em moldes específicos, originando-se, assim, as dez classes gramaticais: substantivo, adjetivo, artigo, pronome, numeral, verbo, advérbio, conjunção, preposição e interjeição.

Embora essa classificação paradigmática tenha se consolidado, alguns autores, como o neogramático Herman Paul, discorrem sobre uma visão mais abrangente em relação às classes de palavras. Para ele (*apud* CÂMARA JR, 1984), é necessária uma análise mais aprofundada acerca da significação, da estrutura e da disposição das palavras na frase, para que se possa classificá-las de forma mais coerente. Esses elementos a que Paul se refere são os critérios semântico, morfológico e funcional, respectivamente.

De acordo com Câmara Jr, (1984), os vocábulos formais de uma língua devem ser classificados de acordo com três critérios semântico, mórfico e funcional. Vê-se, portanto, que Mattoso Câmara Jr. compartilha a mesma concepção que Paul em relação aos critérios classificatórios.

2.1. O verbo achar

Ao se realizar um estudo acerca de classe de palavras denominada de verbo, constata-se que a tradição gramatical não leva em conta a riqueza e a variedade dessa categoria, pois muitas vezes, deparamos-nos com definições do tipo: “o verbo é a palavra variável que indica uma ação, um estado ou um fenômeno da natureza”.

Tais definições não são pertinentes ao estudo em questão, já que no uso real da língua o verbo expressa uma noção de processo, e ainda, há noções semânticas contidas no lexema. Devido aos fatos arrolados anteriormente, propomos uma abordagem funcionalista do elemento *achar* em três situações discursivas divergentes.

Analisaremos a trajetória temporal do elemento lexical *achar* que desempenha, em princípio, função de verbo pleno com o sentido de “encontrar”, “descobrir”. Essa significação já era empregada na língua latina “*afflare*” como em: “*Canis afflare venatum*”, o que po-

deria ser traduzida metaforicamente “o cachorro acha a presa”. De acordo com Martelotta “Essa extensão de sentido é um indício da abstratização de *adflare* já no latim”. Embora o elemento *achar* tenha sofrido alterações fonéticas em sua evolução, o verbo *aflar* ainda está disponível no português contemporâneo, sendo denominado por Galvão (1999) de *ACHAR1*:

Ex: *Acha* o café para mim, *acha* o açúcar (NS)

No enunciado acima, o verbo *achar* está empregado em sentido de *encontrar*, ou seja, em sua significação mais antiga.

Baseados nos estudos de gramaticalização, podemos afirmar que o item lexical *achar* desenvolveu um processo de mudança direcionado ao domínio da modalidade, assumindo funções mais gramaticalizadas de modalizador epistêmico, que expressa uma avaliação de verdade e as condições de verdade de um enunciado. Castilho (1996) discorre a respeito dos modalizadores epistêmicos quase asseverativos, os quais indicam que:

O falante considera o conteúdo de P quase certo, próximo à verdade, como uma hipótese que depende de confirmação, e por isso mesmo se furta “a toda responsabilidade sobre a verdade ou falsidade da proposição”: Berenechea (1969, p. 320). Através dos quase asseverativos, avalia-se P como uma possibilidade epistêmica, decorrendo daqui uma baixa adesão do falante com respeito ao conteúdo do que está sendo verbalizado. (CASTILHO&CASTILHO, 1996, p. 222).

Galvão (1999) discorre acerca *ACHAR2* (apreciação), considerando-o classe fonte e classe para a qual a mudança se direciona (alvo). Seguindo o princípio da mudança, a forma híbrida *achar* (apreciação), recuperou “as perdas” das propriedades do item lexical, desenvolvendo um processo de recategorização; uma nova e específica função, o modalizador epistêmico *achar3* (palpite).

Segue um exemplo do item *achar2*: “Hoje em dia, namorado já chega na porta da namorada, já ela sai com ele, ela sai pó aí afora, já não ligam para mais nada. A coisa hoje é mais vulgar. *Acho* que a coisa é mais vulgar hoje em dia”.

Nesse fragmento, podemos perceber que o falante tem consciência de que *acho* (que) pode significar outra coisa que não sua opinião. Por isso, o falante reforça a sua opinião com marcas do tipo

não posso dizer com certeza, é o que eu acho. Raquel Meister Ko. Freitag emprega a terminologia marcador de opinião, quando se refere ao *achar2*.

É importante salientar que Freitag desenvolve seu estudo, baseada nas abordagens realizadas por Galvão acerca da gramaticalização do item *achar*, em alguns momentos, concordando com as concepções defendidas por Vânia Cristina Casseb Galvão, em outros, discordando e justificando os motivos que a levaram a propor um novo posicionamento.

Uma das situações de discordância pode ser constatada em relação ao *ACHAR2'*, terminologia defendida por Galvão que equivale às construções verbo + predicativo descritas por Freitag. Esta autora discorda que as construções estejam na mesma trajetória de gramaticalização que estão os marcadores de dúvida, pois não há a possibilidade de se realizar uma substituição de uma forma pela outra sem que haja distorção do sentido evocado. O exemplo que segue ilustra a ocorrência de *acha* verbo + predicativo.

E: Tu já escolheste a profissão.

F: Eu tenho vontade de ser modelo e artista, porque eu *acho* legal trabalhar em novelas, em ser modelo, essas coisas...

No trecho destacado, podemos detectar que o enunciador do discurso usa a forma *achar*, exprimindo o sentido de *considerar*, isso não significa que trabalhar nas novelas seja necessariamente interessante ou legal.

Tanto Galvão quanto Freitag abordam o item *ACHAR3*, o qual é denominado respectivamente modalizador de “palpite” ou de “dúvida” que se desenvolve possivelmente a partir de um processo de recategorização do *achar2* (apreciação) – fato já relatado no decorrer da exposição. Como exemplificação, tem-se o fragmento: “quando ela faleceu, faz dois anos, eu fiquei triste também. Ela estava grávida, *acho* que ela estava grávida e o que? Ela estava com pedra na vesícula e não sabia...”.

Na expressão acima, notamos que o falante não tem certeza plena do está enunciando, pairando uma dúvida “no ar”, será que a “moça” estava realmente grávida? Ele apenas tenta reforçar a sua concepção, quando diz: “acho que estava grávida”.

Julga-se que a partir do *ACHAR3*, houve um novo processo de recategorização que desencadeou o *ACHAR4* [+ abstratos], gerando provavelmente uma grande variabilidade sintagmática e a não exigência de subcategorização de argumento interno. Temos como exemplo: “eles não entende eles não sabe o que é isso uma família... eu sinto falta, imagina eles né? Então a deles é diferente da minha *acho*...a minha foi melhor porque é tão gostoso você ir pra ca’(sa) da vó...(RD).

Tendo em vista as concepções mencionadas, julgamos interessante a exposição do quadro descrito por Galvão (1999), objetivando uma melhor visualização e sistematização dos aspectos comparativos entre os tipos de *ACHAR*.

<i>Propriedades</i>	<i>ACHAR1</i>	<i>ACHAR2</i> <i>apreciação</i>	<i>ACHAR2'</i>	<i>ACHAR3</i> <i>palpite</i>	<i>ACHAR4</i>
<i>Paráfrase</i>	encontrar/ procurar/ descobrir	considerar/ pensar/ afirmar	Considerar	Supor/ é possível	Talvez/ provavelmente
<i>Variabilidade</i> <i>Tempo-ral</i>	presente/ pef./impf.	presente / perfeito	presente/ perfeito	presente/ perfeito	Presente
<i>Variabilidade</i> <i>de modo</i>	indic./imp./su-bj	indicativo / subjuntivo	Indicativo / subjuntivo	indicativo	indicativo
<i>Pessoas do</i> <i>verbo</i>	1ª / 2ª / 3ª S/P	1ª / 2ª / 3ª S/P	1ª / 2ª / 3ª S/P	1ª S	1ª S
<i>Presença e</i> <i>tipo do argu-</i> <i>mento</i> <i>interno</i>	SN que pode vir ou não realizado foneticamente com o traço [+concreto]	oracional	SN que pode vir ou não realizado foneticamente, é predicado por um qualificador, [+abstrato]	oracional	Perda do argumento interno
<i>Tipo de</i> <i>sentença</i> <i>em que a-</i> <i>parece</i>	absoluta/ hipotática/ Núcleo/ encaixada	principal	Absoluta / Núcleo / principal	principal	Depois de uma emissão completa de raciocínio e pausa (fora da oração)
<i>Caracte-</i> <i>rização</i>	pressupõe o encontro entre duas entidades do mundo real; [-controle], incerteza	Performativo-modalizador, avaliativo, depende de fatores inerentes ao falante	Performativo-modalizador, avaliativo, maior grau de certeza	Modalizador fatores externos ao falante fazem que a incerteza passe para o nível das possibilidades	Incerteza, dúvida, probabilidade

3. Análise do “achar” dos corpora

A análise do item *achar* na *Farsa de Inês Pereira (FIP)*, no *Sermão da Sexagésima (SS)* e em textos extraídos do site da *Opus Dei (OD)* nos permitiram constatar que esses itens desempenham não só as funções discursivas mais divulgadas tradicionalmente, mas também outras situações enunciativas, as quais se distanciam do que preconizam a NGB e as gramáticas normativas:

1. É já mais que a Madanela, quando *achou* a aleluia. (FIP, p. 62) *Achar1*
2. Quando o vi pegar comigo, que me *achei* naquele perigo. (FIP, p.65) *Achar2'*
3. Vem como eu vim agora, e vos *acha* só a tal hora. (FIP, p.76) *Achar2'*
4. O marido que quereis, de viola e dessa sorte, não no há senão na corte, que cá não no *achareis*. (FIP, p. 79) *Achar1*
5. Porque o melhor da festa é *achar* siso e calar. (FIP, p. 81) *Achar2*
6. E se esse sementeiro evangélico, quando saiu, *achasse* o campo tomado. (SS, p.348) *Achar1*
7. Ali *achou* maior agravo. (SS, p. 349) *Achar2'*
8. *Achou-se* que por um grão multiplicara cento. (SS, p.351) *Achar2*
9. Lede as histórias eclesiásticas, e *achá-las-eis* todas cheias de admiráveis efeitos da pregação da palavra de Deus. (SS, p. 352) *Achar2'*
10. Eu nenhuma causa *acho* neste homem. (SS, p.370) *Achar3*
11. Celebravam-se bodas em canã da Galileia, e *achava-se* ali a mãe de Jesus (OD) *Achar1*
12. Ora, *achavam-se* ali seis talhas de pedra para as purificações dos judeus. (OD) *Achar1*
13. Hão de fugir-te os olhos para Jesus, e *acharás* nova força para prosseguires no teu empenho. (OD) *Achar1*
14. Pois só no Senhor *acharás* fundamento real. (OD) *Achar1*

Propriedades do verbo <i>Achar</i>	Quantidade	Percentual
<i>Achar1</i>	7	50%
<i>Achar2</i>	2	14,30%
<i>Achar2'</i>	4	28,56%
<i>Achar3</i>	1	7,14%
<i>Achar4</i>	-	-
Total de ocorrências analisadas	14	100%

O quadro acima nos permite constatar que o elemento lexical *achar* desempenha a função de verbo pleno com o significado de ‘encontrar’, ‘descobrir’ em 50% dos enunciados. Tal acepção é originária do latim *afflare*, ‘soprar’, sendo evidenciada sua primeira ocorrência no século XIII na língua portuguesa.

Ao se analisar os corpora, observamos que terminologia *Achar1* se desenvolve nos três momentos sincrônicos. Para comprovamos essa afirmação, teceremos comentários a respeito de algumas situações enunciativas, por exemplo:

O marido que quereis, de viola e dessa sorte, não no há senão na corte, que cá não no *achareis*. (FIP)

E se esse sementeiro evangélico, quando saiu, *achasse* o campo tomado. (SS)

Celebravam-se bodas em canã da Galileia, e *achava-se* ali a mãe de Jesus (OD)

Nas três sincronias em destaque, é possível inferir que os enunciadores das instâncias discursivas empregam o verbo *acha*, objetivando fazer referência a *encontrar*, ou seja, “O marido que quereis, de viola e dessa sorte, não no há senão na corte, que cá não no *encontrareis*”; “O sementeiro evangélico, quando saiu, *encontrasse* o campo tomado; “Celebravam-se bodas em canã da Galileia, e *encontrava-se* ali a mãe de Jesus”.

O segundo maior número de incidência 28,56% se concretiza com *Achar2* nas obras: *Farsa de Inês Pereira* e *Sermão da Sexagésima*. Seguem fragmento que exemplificam:

Quando o vi pegar comigo, que me *achei* naquele perigo. (FIP)

Ali *achou* maior agravo. (SS)

O verbo *Achar2* tem valor discursivo de uma paráfrase “considerar”, pois apenas demonstra um ponto de vista de quem enuncia o discurso, não significando de forma alguma que aquilo seja condizente com a realidade. O que nos chama bastante a atenção é que em nenhuma circunstâncias, os traços de *Achar2* foram empregados nos textos analisados da *Opus Dei*.

O item *Achar2* (*apreciação*), nomenclatura empregada por Galvão (1999) se desenvolve em 14,30% dos enunciados, por exem-

plo, em: “Porque o melhor da festa é *achar* siso e calar (FIP)” e “*Achou-se* que por um grão multiplicara cento (SS)”. Nesses fragmentos, os falantes enunciam opiniões particulares, as quais são intensificadas pelos contextos discursivos. É importante salientar que o *Achar2* não é empregado em nenhuma instância discursiva pertencente ao século XXI.

Em relação ao *Achar3* (*palpite*), constatamos que há uma construção, na qual se desenvolve seu uso: “Eu nenhuma causa *acho* neste homem. (SS)”. Nessa enunciação, percebemos que o verbo *achar* indica apenas um palpite de quem profere o discurso. Nas obras *Farsa de Inês Pereira* e *Opus Dei*, nenhuma incidência foi averiguada.

Apesar de Galvão (1999) abordar o *Achar4* descrito no pressuposto teórico, não encontramos nenhuma situação enunciativa, na qual os caracteres desse “tipo” de *achar* se desenvolvesse em sua plenitude. Julgamos que os enunciadores não fazem uso do *Achar4* possivelmente pelo caráter do discurso religioso, todavia essa hipótese não pode ser um paradigma, já que há a possibilidade de outros textos de caráter religioso empregarem o *Achar4*.

Por meio desse levantamento do item lexical *achar*, pudemos observar que alguns traços relacionados a ele, que não são comentados pela NGB e pelas gramáticas normativas, já podiam ser percebidos em textos dos séculos XVI e XVII, quando se privilegiam aspectos dinâmicos da linguagem em uso. Isso não se desenvolve porque as teorias citadas se “prendem” apenas à modalidade escrita, tentando tratar de maneira estática o que, na verdade, é dinâmico.

O item *achar*, por exemplo, além de seu significado mais antigo que exerce nos enunciados: ‘descobrir’ ou ‘encontrar’ que caracteriza o *Achar1*; aparece já no século XVI e XVII com valor apreciação (*Achar2*); também notamos o uso do *Achar2*’ com valor de paráfrase de “considerar” nos séculos referidos anteriormente.

Ainda, é interessante mencionar que no século XVII, encontramos o verbo *Achar3* (*palpite*) sendo empregado sem nenhuma restrição. Em relação ao *Achar4* descrito por Galvão (1999), ele não se desenvolve nos enunciados independentemente da sincronia em análise.

O estudo desenvolvido está pautado em uma concepção funcionalista, na qual se privilegia a dinamicidade de uma língua em contínuo processo de mudança, o item lexical *achar* foi um elemento que nos despertou um interesse particular, pois o empregamos nas mais diferentes situações enunciativas, e também, com acepções distintas das mais divulgadas, por exemplo, de “descobrir” ou “encontrar”. O que tentamos traçar foi apenas uma possibilidade de estudo e não um paradigma para ser copiado ou seguido totalmente à risca. Objetivamos apenas apresentar uma proposta de estudo diferenciada acerca do verbo *achar*.

REFERÊNCIAS

- BIDERMAM, M. T. *Teoria linguística*. São Paulo: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- CÂMARA JR. Joaquim Matoso. *Estrutura da língua portuguesa*, Petrópolis: Vozes, 1984.
- _____. *Princípios da linguística geral*. 6. ed. Rio de Janeiro: Livraria Editora Ltda, 1980.
- CARVALHO. J. H. Significação dêitica. In: _____. *Teoria da linguagem*. Vol I. Coimbra: Atlântico, 1974.
- CARVALHO, Castelar de. *Para entender Saussure*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rio, 1979.
- CUNHA, M. A. F.; OLIVEIRA M. R. de; MARTELOTTA, M. E. (Orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A/Faperj, 2003.
- FÁVERO. L. L.; Koch, I. G. V. *Linguística textual: uma introdução*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- FREITAG. R. M. Ko. Fonte: 150.162.90.250/teses/PLLGO 275.pdf.
- GALVÃO, V. C. C. *O Achar no português do Brasil: um caso de gramaticalização*. 1999. Dissertação de Mestrado.
- LAPA, M. R. *Estilísticas da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.

- MACAMBIRA, J. R. *Estrutura morfossintática do português*. 5. ed. São Paulo: Pioneira, 1987.
- MONTEIRO, J. L. *A estilística*. Fortaleza: EDUFC, 1991.
- _____. *Revista de Letras*. Fortaleza: UFC – Centro de Humanidades, 1990.
- NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Unesp, 2000.
- SAID ALI, M. *Gramática secundária de língua portuguesa*. 7. ed. Revisão de Bechara.
- _____. *Gramática secundária e gramática histórica da língua portuguesa*. 3. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1964.
- TERSARIOL, A. *Curso especial de português*. São Paulo: Ática, 1996.
- VICENTE, Gil. *Farsa de Inês Pereira*. São Paulo: Ática, 2000.
- VIEIRA, Antônio. *Sermões Escolhidos*. Sermão da sexagésima V. 2, São Paulo: Edameus, 1965.
- www.opusdei.org.br/sec.php?s=619 - 12k. Acesso em 28/01/2007.
- ZANOTTO, N. *Estrutura mórfica da língua portuguesa*. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul.